

Pesquisa sobre transtornos psiquiátricos em tempos de covid-19 mostra que o brasileiro está mais irritado. Especialistas explicam que o medo da morte e a necessidade de distanciamento social afetam o senso de coletividade e exacerbam o individualismo nas relações sociais

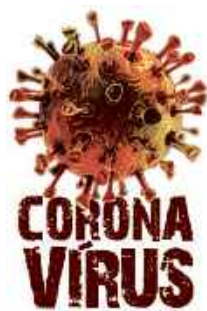
Intolerância e tristeza no rastro da pandemia

» MARIA EDUARDA CARDIM
» GABRIELA CHABALGOITY*

Diante de uma doença avassaladora, que levou ao colapso serviços de saúde no país inteiro e que deixa como rastro mais de quinhentas mil mortes e milhões de infectados, a sociedade brasileira ainda viu emergir uma onda de intolerância que contamina as próprias relações entre as pessoas. Os reflexos podem ser vistos em exemplos de Norte a Sul do país. É uma briga de trânsito que vira perseguição seguida de atropelamento ou uma discussão por causa do uso de máscaras que acaba em morte. Para especialistas ouvidos pelo **Correio**, ainda que a intolerância já se fizesse presente no Brasil e no mundo desde sempre na história das relações humanas, a pandemia potencializou em muitas pessoas essa falta de empatia, de paciência em relação ao outro e de respeito a normas de convivência.

A intolerância do povo brasileiro é uma construção social antiga, que vem desde os primeiros tempos da colonização do solo brasileiro pelos portugueses, que usaram a violência como uma das estratégias para subjugar os índios que aqui viviam, iniciando um processo de genocídio. É o que explica Eduardo de Castro Carneiro, sociólogo pela Universidade de Brasília e mestre em Sociologia da Violência pela Universidade Federal do Goiás (UFG).

Para ele, o agravamento da intolerância motivado pela pandemia da covid-19 ocorre porque o cenário atual funciona como um vetor da hiperindividualização, inclusive nas respostas que a sociedade tem recebido dos gestores públicos, que responsabilizam os próprios indivíduos pelo processo de prevenção e cura. “O medo da morte e respostas que são dadas pela subjetividade, sem a percepção clara de um discurso coletivo, de como o Estado lida com isso, como o governo lida com isso, como a sociedade lida com isso, desacopla mais ainda esse pertencimento. Logo, essa situação



O distanciamento e o isolamento são fatores que têm um efeito depressivo e ansiogênico muito altos, porque o ser humano busca por natureza a socialização”

Suely Sales Guimarães, doutora em psicologia



Se, cada vez mais, a gente individualizar as responsabilidades pelo convívio, cada vez menos teremos uma sociedade que cumpra regras, normas e valores”

Eduardo Carneiro, sociólogo

pode ter como consequência o aumento da intolerância, da violência de um contra o outro, porque (as pessoas) não se percebem como seres sociais de um grupo”, teorizou.

Tristeza e irritação

A doutora em psicologia e professora do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) Suely Sales Guimarães destaca que qualquer mudança de contexto influencia a resposta emocional das pessoas diante de cada situação. Por isso, já é possível observar determinadas mudanças no comportamento das pessoas. “Temos observado um aumento na intolerância porque determinados comportamentos foram afetados pelas condições que elas são obrigadas a vivenciar”, disse ela.

Suely Guimarães resalta que o contexto da pandemia, porém, não explica toda essa intensidade da atual onda de intolerância, já que este é um comportamento social que não aflorou agora. Mas que ganha corpo em determinadas circunstâncias e períodos históricos. O atual, de distanciamento social e protocolos de segurança sanitária, influencia de forma muito intensa o comportamento humano. “Esse contexto da pandemia afeta diferentes segmentos da população de diferentes maneiras. O distanciamento e o isolamento são fatores que têm um efeito depressivo e ansiogênico (que provoca ansiedade ou sofrimento psicológico) muito altos, porque o ser humano busca por natureza a socialização”, explica a acadêmica.

A psicóloga acredita que o contexto é favorável para deixar as pessoas irritadas. De acordo com uma pesquisa sobre saúde mental feita pela Pfizer Brasil em parceria com o Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria), com 2 mil brasileiros, a irritação ficou em segundo lugar, empatada com a insônia, no rol de sintomas ligados à saúde mental mais sentidos durante a pandemia da covid-19. Só ficou

Covid-19: Os sintomas do adoecimento mental

Em levantamento feito com 2 mil pessoas, irritação aparece em segundo lugar no ranking dos principais sintomas de problemas psicológicos desencadeados pela pandemia, atrás apenas da tristeza



Fonte: pesquisa “Saúde mental na pandemia” feita pela Pfizer Brasil em parceria com o Ipec

atrás da tristeza, como mostra a ilustração acima.

Na visão da psiquiatra Fabrícia Signorelli, todas as alterações comportamentais afetam diretamente a irritabilidade das pessoas, e os problemas emocionais causados pela pandemia exacerbaram a intolerância. “Ainda que a intolerância venha em uma onda crescente no Brasil e no mundo, como nós já víamos antes do surgimento da covid-19, a pandemia foi um catalisador e potencializou em muito a intolerância dos brasileiros”, afirmou.

A médica explica que essa intolerância pode se manifestar como um ataque de fúria, que observamos, por exemplo, em brigas de trânsito, ou insubordinações às normas impostas pelos governantes para enfrentar a ameaça da covid-19. Na última semana, o Distrito Federal foi palco de um desses episódios de intolerância, quando o advogado Paulo Ricardo Moraes Milhomem, 37 anos, perseguiu o carro

da servidora pública Tatiana Theleclides Fernandes Machado Matsunaga, 40, após uma briga de trânsito. Paulo chegou a atropelar a servidora, que ainda está no hospital. **(Veja mais exemplos no quadro abaixo)**

“O adoecimento mental da população, visto durante a pandemia, e os sintomas de que algo pode estar errado com a saúde mental das pessoas afetam diretamente o comportamento humano. Os transtornos psiquiátricos vão afetar a funcionalidade das pessoas, seja no relacionamento do trabalho, nos relacionamentos dentro de casa, nos relacionamentos interpessoais de forma geral”, explica a psiquiatra.

Coletividade

As medidas de isolamento e o ambiente depressivo que a crise sanitária alimenta provocaram um aumento do individualismo. Fabrícia Signorelli explica que essa sensação de

esgotamento e a preocupação excessiva da população com as consequências da pandemia tornam difícil ser empático. “É um movimento do ser humano. É muito mais difícil ser empático com o outro quando a gente está vivendo um momento de maior dificuldade pessoal. Mas, quando temos menos pessoas pensando no coletivo, aumenta de certa forma o sofrimento geral”. Para ela, a reação a esses sentimentos precisa vir, justamente, da coletividade.

Para driblar a intolerância, o sociólogo Eduardo Carneiro acredita que é preciso trabalhar a perspectiva do “nós”, do pertencimento ao grupo. “Se cada vez mais a gente individualizar as responsabilidades pelo convívio, cada vez menos vamos ter uma sociedade que cumpra regras, normas e valores que são condensados na perspectiva de vida em grupo”, ressaltou.

*Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria

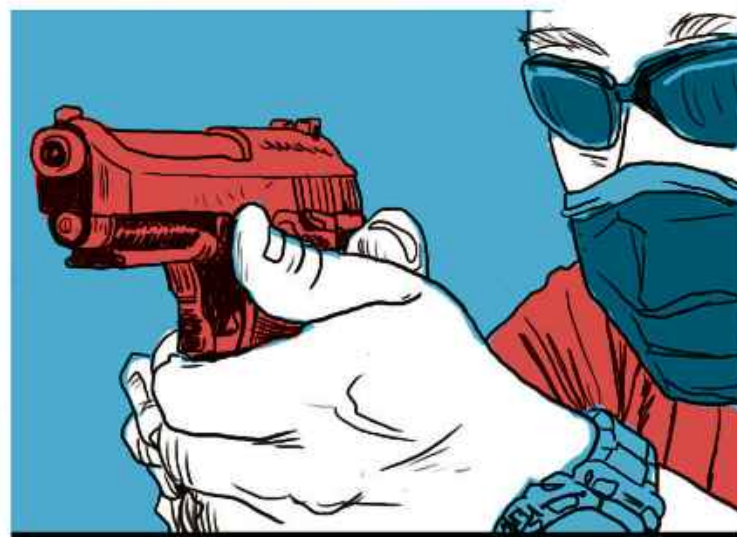
Dias de fúria

Relembre casos que chamaram atenção pela violência excessiva e pela intolerância vistos durante a pandemia



Briga no trânsito vira perseguição com atropelamento

• As brigas no trânsito são um exemplo clássico de intolerância na nossa sociedade. No dia 25 de agosto, o advogado Paulo Ricardo Moraes Milhomem, 37 anos, perseguiu a servidora pública Tatiana Theleclides Fernandes Machado Matsunaga, 40, antes de atropelá-la. O caso começou porque, inicialmente, a servidora foi “fechada” no trânsito por Paulo, o que gerou um desentendimento entre os dois. Quando Tatiana decide ir buscar o celular dentro do carro para gravar a situação, Paulo a atropela.



Briga por máscara acaba em morte

• Atitudes relacionadas às normas impostas durante a pandemia também podem gerar problemas. Em Curitiba, uma briga corporal entre o segurança de um supermercado e um cliente que tentava entrar no estabelecimento sem máscara terminou com a morte de uma funcionária do local. A mulher foi baleada após confusão entre os dois homens e morreu no local.



Morador se revolta com regras do flat onde mora

• Outros atos de intolerância são vistos em situações do cotidiano. Em Brasília, um morador de um flat se revoltou quando o recepcionista do local ligou para informar que não seria possível o entregador de comida subir com o pedido. O advogado desceu para buscar o lanche e jogou toda a comida no chão da recepção.